

Direcção: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

MAIS UMA!

«O LUSITANO» NO TRIBUNAL SEGUNDA QUERELA

Ainda a primeira querela, movida contra o nosso jornal por um *modo* a abarrotar de mal reprimida e assás conhecida vaidade—que viu agravos onde nunca existiam, para satisfazer a vontade dos seus mentores—, não está julgada, já o *Trapo* da última quinta feira nos traz a seguinte noticia:

«**QUERELA**—Pela divisão militar foi movido processo de querela contra um semanário desta cidade com fundamento num artigo nele publicado sob o título—**O Exépeito**».

Mais uma!

E' o *Papão* das querelas a ver se nos mete medo, se nos cala a voz que temos o direito e o dever de levantar no meio de tanta miséria moral e social, se nos aniquila a crítica que temos o direito e o dever de fazer perante tanta ausência de sentimentos patrióticos, se nos reduz ao silêncio, se atira connosco para o nada.

Não o conseguirá nunca.

Venham duas, dez, vinte, cincoenta, venham quantas querelas quizerem, encham os seis cartórios do juizo de processos contra nós, que, enquanto tivermos voz, havemos de falar, e enquanto tivermos uma pena, havemos de escrever.

Nós não temos medo do *Papão*.

A noticia desta segunda querela vinda no *Trapo* não nos surpreendeu, pois já dois dias antes a nossa policia nos tinha avisado de que alguma coisa se tramava na sombra e que um burranca qualquer, um tartufo que ainda há pouco se fartou de engraxar os monárquicos, um hipócrita repelente e odioso que ainda há pouco andava pelas igrejas a bater no peito, se empenhava com todo o interesse para que o nosso jornal fôsse querelado.

São os trabalhos de sapa.

Dizem que os jesuitas foram expulsos!

Ilusão, mentira!

Foram expulsos os jesuitas de batina, os que menos mal faziam, não há dúvida, mas os piores, os futricas de escapulário e bentinhos, os pulhas com Deus nos lábios e o diabo no coração, os vendidos que só na treva sabem operar, êsses ficaram e continuam a rojar-se no pó como a serpente, a quererem manchar os outros com o seu visco imundo como a lesma, e a picá-los à traição como a víbora.

Nós conhecemo-los perfeitamente e a cada passo somos obrigados a voltar a cara, quando com êles topamos, pelo aborrecimento que nos causam e pelo nojo que nos inspiram, e o mesmo acontece com toda a gente de bem que os encontra no seu caminho.

São os jesuitas republicanos.

O fim é outro, mas os meios são os mesmos, a tática é idêntica e os processos são iguais àqueles de que acusavam os jesuitas de batina.

Não nos surpreendeu, pois, a noticia porque a *judiciária* cá de casa já de tudo nos tinha posto ao facto.

Venha a querela e saberão como um português se apresenta, de frente activa, perante um tribunal que o há de julgar e ali dirá, sem receio e sem desfalecimentos, o que a sua consciencia lhe ditar e o que o seu coração lhe impozer, a bem do interesse da sua pátria, quer tenha na sua frente, como acusador, um general, o próprio ministro da Guerra ou um simples soldado.

O artigo incriminado é de um nosso querido amigo, de um nosso assíduo e intimorato cooperador.

P. A., primoroso e inteligente escritor que tem iluminado, com brilhantissimos artigos, as colunas dêste jornal, ainda não sabe, à hora em que estas linhas são escritas, que o seu artigo foi querelado, e bom é que assim aconteça pelo que vamos dizer.

P. A., pela sua posição na sociedade, não pode e não deve ir ao tribunal onde alguêm, decerto, o quereria ver para saber a quem pertence a mão que tantas bofetadas tem vibrado; e antes que êle, com o desassombro e a dignidade que o caracterizam, venha exigir que o deixemos tomar a responsabilidade do seu escrito, fazemos a seguinte declaração, categórica e terminante, de que não nos afastaremos, sejam quais forem as instâncias do nosso querido colega e amigo.

Para os efeitos da Lei de Imprensa, e nos termos da mesma, o director dêste jornal António Dantas, filho, é o único responsável pelo artigo intitulado—*O Exército*—publicado no seu número 29 de 29 de Dezembro findo.

Assim ficamos com a nossa consciencia tranquila e P. A. não poderá ser acoimado de medroso ou cobarde, porque somos nós que queremos que ninguêm o incomode.

Continue P. A. com os seus escritos e deixe vir as querelas, que isso é *Papão* que já nem às criancinhas mete medo.

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

A proibição da "Palavra,"

Não podemos deixar esquecer, por altamente sintomático, o caso do intentado reaparecimento da *Palavra*. Deem-lhe as voltas que quizerem, tentem todos os funambulismos de ginástica intelectual para o justificar, recorram às argúcias e subtilezas dos mais afamados sofistas para lhe dar uma aparência honesta, e as pessoas de ânimo sereno e espírito reflectido não deixarão de ver nele uma monstruosidade como se não encontrará outra em toda a Europa.

Eu não quero apreciar agora o carácter duma autoridade que num dia afirma poder sair a *Palavra*, pois que estava ao abrigo da lei e ela a defenderia de toda a violência, e que no dia seguinte já diz inteiramente o contrario, acrescentando que a circulação dêsse jornal não pode permitir-se, nem ainda sob outro titulo, por ser motivo de perturbação pública. Uma autoridade destas merece um monumento pelo seu aprumo, correcção e coerência. Em Marrocos e na Turquia talvez se não encontre coisa mais aperfeiçoada.

Não sabemos para que se fêz a constituição, se logo no seu principio a haviam de rasgar tam descaradamente. A sua letra não pode ser mais clara. «A lei é igual para todos». «A expressão do pensamento, seja qual for a sua forma, é completamente livre, sem dependência de caução, censura ou autorização prévia». (Art. 3.º).

Já é preciso ter audácia para calcar aos pés tam impudentemente as mais racionáveis garantias oferecidas pela lei fundamental da nação!

¿Se a constituição é uma mentira, se a liberdade é uma ficção, se a autocracia é a norma dos nossos senhores, porque o não dizem abertamente, para sabermos ao que nos devemos ater? Domina a insânia com todos os seus excessos e perigos. A proibição da *Palavra* não tem, nem pode ter, uma explicação razoável. Por debaixo da feroz tirania que revela, deixa entrever um medo apavorante na oligarquia que governa a nação. Ora êste medo é a coisa mais extraordinária que se pode imaginar, em homens que dizem ser os pregoeiros da verdade e que teem a defendê-los todos os diários de Portugal—talvez mais de quinze—menos um só. ¿Se estão senhores da verdade, se trilham o caminho da justiça, se assumem a plena responsabilidade das suas acções, a que teem medo?

Demais a *Palavra*, qualquer que fôsse a sua orientação, nunca seria um jornal de opposição sistemática ao existente. Acatando as instituições como jornal católico, o mais que podia fazer era criticar a legislação no sentido de a melhorar, como é permitido a todos os cidadãos. ¿E é a isto que os nossos homens públicos, os homens que nunca largam o estribilho da liberdade, confessam medo! Para que publicaram êles a lei da imprensa? Para a guardarem na gavêta a sete chaves? Se a *Palavra* cometesse algum excesso, não havia nessa lei meios mais que suficientes para a obrigar a ser comedida? Note-se: êsse jornal viveu sempre na opposição debaixo de leis de imprensa, que os republicanos qualificavam de despóticas, tiránicas, russiannas e outras coisas feias, e contudo nunca encontrou grandes obstáculos no seu caminho. Se nos não falha a memória, foi suspensa durante dez dias no governo do sr. João Franco e foi processada uma vez, já não sabemos porquê, mas foi absoluta. Foi preciso que viessem os republicanos, os paro-

leiros alardeadores da liberdade, para que a *Palavra* deixasse de correr. Que forte não deve estar o regimen para temer a opposição, embora moderada e correcta, dum simples diário, quando tantos o estão apoiando?

Os senhores que nos estão governando parece serem da raça do sanguinário e crudelissimo imperador Caligula que mandava cortar a língua às suas vítimas para não ouvir os seus gemidos. Em todas as terras do país há perseguidos que gemem, oprimidos que pedem justiça, presos innocentes que suspiram pela hora da sua liberdade. E para que esses gemidos e suspiros não vão incomodar os nossos senhores, proibem-se os jornais que os possam canalizar e fazer chegar ao seu destino.

O grande defeito da *Palavra* está em ser, primeiro que tudo, um jornal católico de moralidade sã, de ortodoxia pura. Se fôsse como muitos jornais que por aí há, sem escrúpulos nem dignidade e que não tem pejo de anunciar e reclamar mezinhas capazes de esterilizar mulheres e de preconizar o emprego da bomba como meio de vencer opposições, teria livre curso; mas porque é intransigente em matéria de princípios religiosos e não sabe disfarçar a verdade, a seita, hoje onnipotente em Portugal, põe-lhe embargos. Dizem ou fingem crer que o que chamam *justiça popular* o não deixaria circular.

A que chamam justiça popular? Ao tumulto, à desordem, à arruaça.

Se a justiça popular é sufficiente para fazer respeitar e cumprir as leis, para que se está a gastar tanto dinheiro com os representantes da autoridade?

Se o povo pode fazer justiça por suas mãos, eliminem-se os administradores de concelho, os governadores civis, as forças de policia.

Todos concordam em que a maioria da nação é católica e no entanto os senhores do poder julgam seguir uma boa politica, afrontando tam injustamente essa maioria. Os resultados já os estamos a ver: é a derrocada em toda a linha.

P. A.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço somos obrigados a retirar grande quantidade de original e, entre este, um artigo sobre o Sr. António José de Almeida e a sua desistência de formar ministério que irá no próximo número.

Infames, biltres!

Em presente século XX, no século denominado da luz e em terras civilizadas, teem-se praticado e continuam-se praticando actos da mais requintada malvadez e cobardia, que só em países selvagens, naqueles em que a palavra civilização é desconhecida por completo, eram permitidos.

Atenta-se contra a vida do próximo sem o menor escrúpulo, ameaça-se anónimamente qualquer pacato cidadão sem um vislumbre de dignidade, mata-se em plena rua qualquer indivíduo sem o mínimo respeito pelo direito que lhe assiste de viver como aquele que tam cobardemente ousa roubar-lhe a existência!

E isto vê-se, isto faz-se numa era em que se diz que a cultura social chegou ao seu apogeu, numa nacionalidade como Portugal, que se diz terra civilizada e que muito se esforçou para não ficar na retaguarda do movimento civilizador empreendido pelas grandes potências europeias!

Isto vê-se numa época em que um regimen democrático, liberal, governa no nosso país!

E' desolador, é muito triste! Em Portugal foi proclamada a república como uma forma de governo que mais liberdade e garantia oferecia ao povo, e é dentro desta república liberal que se ousam cometer os mais cobardes atentados à liberdade individual, os mais revoltantes atropêlos às leis!

E' dentro d'este regimen de paz e liberdade que, republicanos dotados duma selvajaria sem limites, querem obrigar pelo terror, pela ameaça, que outros se calam, que não proclamem, bem alto e com desassombro, quais são as *excelsas virtudes democráticas* que revestem esses liberais que não passam duma orda de miseráveis que por aí campeiam desenfreados!

Foi em nome da liberdade que em Lisboa mataram um official de marinha a tiros de pistola, que assaltaram residências de cidadãos portugueses, que lançaram fogo às agremiações católicas impedindo que o Corpo de Salvação Pública cumprisse o seu dever, que bombas foram arremessadas contra as habitações de indivíduos cujo carácter está muito acima das arremetidas dessa escumalha, e ameaças anónimas teem sido enviadas aos mais honestos, aos mais dignos habitantes d'este decadente e malogrado Portugal.

Em Guimarães acaba de ser praticado um desses servilissimos atentados que vem, mais uma vez, demonstrar de quanto são capazes esses bandidos.

Uns garotos, uns pulhas que não teem a menor noção dos seus deveres, enviaram uma intimativa anónima a um dos mais nobres e impolutos caracteres desta cidade, querendo assim coibi-lo de manifestar, em qualquer parte e perante quem quer que seja, o seu pensar acerca dos desmandos da corja, nunca se escondendo mesmo dos mais acirrados republicanos que não teem tido a intrépida coragem de retrocarem as suas palavras com afirmativas que as desfizessem.

Julgam esses malandrins que é com tais processos que conseguem amordaçar qualquer indivíduo.

Como estão enganados! Pobres dementados, visionários!

Torna-se necessário que saibais que as ameaças não intimidam, as ameaças encorajam para que mais se diga, se pouco se tem dito.

Custa-vos ouvir as amargas verdades que vos ponham a descoberto todas as malandrices? Tende paciência.

Custa-vos que vos chamem garotos, que vos lancem em rôtto toda a série de impropérios? Não pratiqueis actos indecorosos. Levai o vosso proceder a pon-

FINIS



No cemitério geral



As liberdades públicas

(Sob a pressão do terror e das bombas)

Faleceram



A Justiça

(Sob as ameaças que lhe vão da rua)

Faleceu



A ordem

(Sob as exigências da carbonária)

Faleceu



A propriedade

(Porque os proprietarios são apenas seus detentores)

Faleceu



A critica

(Porque o sr. Afonso Costa é indiscutível)

Faleceu



A imprensa livre

(Porque por agora só poderá funcionar a democrática)

Faleceu



CONVITE

Sendo o Sr. Presidente da república servido chamar a dirigir os destinos da nacionalidade portuguesa a rua na pessoa do Sr. Afonso Costa, seu supremo chefe, convida-se o povo português a assistir ao desabamento do seu país ou à queda formidável do mesmo Sr. pois uma das coisas tem fatalmente de dar-se.

Pede-se aos assistentes que não chorem e se conformem com o que lhes acontecer que é devido à sua própria cobardia.

to de não merecerdes censuras, mas os mais rasgados elogios, e sabeis que não é oprimindo e vexando o fraco que vos conseguis eleva; é praticando actos dignos e probos, actos que enobrecem.

E' sabido que, para vós, cometer uma boa acção é exigir-vos o mais penoso sacrificio, vós, que só vos sentis satisfeitos quando maltratais o vosso semelhante.

Regenerar-vos é um impossivel! Gemem sob ferros indivíduos com culpabilidade mais ténue que a vossa, e vós gosais uma ampla liberdade, sendo-vos permitido cometer toda a casta de desbaratos sem que justiça se exerça contra vós.

A vossa acção republicana envergonha-nos aos olhos das outras repúblicas onde se aspira o inebriante perfume de liberdade, onde a igualdade não é um mito

e onde a fraternidade é um facto.

O trilema da república portuguesa nunca foi nem terá de ser, enquanto imperar a canalha, liberdade, igualdade e fraternidade, mas sim **opressão, tirania e opróbrio.**

Vós, escória maldita, tendes contribuído em larga escala para o desmembramento da grande familia portuguesa; tendes obrigado homens de bem a abandonar a sua Pátria e irem procurar abrigo em terras estrangeiras, já que na sua não encontram a segurança de que carecem.

Não estais ainda satisfeitos da vossa obra de demolição e terror?! Ainda careceis de praticar mais torpezas e vilanias?!

Para que ameaças de morte um indivíduo probo só porque elle tenha a hombridade de censurar-vos em público apontando-vos

êrros que tendes cometido?!

Para mais uma vez demonstrardes a evidência do vosso baixo carácter; para mais uma vez reforçardes as palavras que vos condenam e que dizem que sois uns cobardes; finalmente para que se saiba que a canalha ainda vive.

Já vos dissemos e voltamos a repetir: podeis continuar com as vossas ameaças que nunca intimidarão alguém, antes mais coragem trarão para que se combata com mais fulgor, com mais impetuosidade os vossos desmandos e podereis ficar crentes de que nunca a nossa pena trepidará para vos aplidar de biltres.

Não sejais tam cobardes! Trabalhai de dia e assinaí o que escreveis para que se conheçam esses *intrépidos defensores* da república que só tratam de a desacreditar e fazer odiar.

Carta do Porto

POR ROLANDO PERFEITO

9-1-1913.

Hoje, só posso escrever-lhes uma pequena carta, que creio mesmo não será publicada em vista de ser expedida tam tardiamente.

Não faz mal. Com isso nada perderão os meus leitores. Conhecem já a situação política. Está, finalmente, resolvida a crise.

O governo está nas mãos do sr. Afonso Costa. Isto causa-me imensa máguia.

E quem há aí, amante da pátria e da república, que não a sinta, vendo que se aproxima talvez o momento em que vai desfechar em drama a ignominiosa farça que se está representando na nossa vida política portuguesa? Ah! não haja ilusões, meus amigos: a nação vai passar por uma rude prova.

Vão ver o descalabro de tudo isto. A tua vai governar. O ódio e a intolerância, intimamente irmanados, vão expandir-se encarniçadamente numa política de represália que deixará os mais luctuosos vestígios na alma nacional. O sr. Afonso Costa é um homem de mau agoiro.

A sua estatura mental e política tem a solenidade lúgubre dum cipreste.

O seu partido é trágico e tenebroso. Nele são distintamente o pregão de guerra e de exterminio. Lá dentro só corvos e abutres. Tem as garras aguçadas.

Não faltarão as vítimas, porque a sociedade é enorme e interminável.

Foi com grande alarime que o país recebeu a solução da crise. O instinto do que vai suceder está dentro de cada um de nós, claro como a água pura das fontes.

A imprensa democrática manifesta o seu júbilo numa expansão que tem as mais exageradas proporções. Diz palavras de paz e de amor para captar a confiança do país. E' um embuste em que ninguém acreditará.

O duelo é de morte. Ou o sr. Afonso Costa vai cair esmagado e inutilizado para a vida política como João Franco, ou a nação, isto é, a alma nacional, que não está integrada no partido democrático, terá de sofrer as consequências da sua indiferença ou do seu consentimento.

O espectáculo vai começar. Esperemos, mas não tenhamos fé.

O dia de Reis

Este ano, como nos transactos, não faltou na véspera e dia de Reis a costumada peregrinação de *reiseiros* que, a trôco de qualquer cantiga, pedem um donativo para qualquer fim.

De entre êsses grupos destacavam-se dois: um, pela forma decente como se apresentava, cantando com correcção sendo a música agradável, era da Associação dos Marceneiros, e o produto revertia para a aquisição duma bandeira para a mesma Associação; o outro destacava-se pela indecência do seu conjunto, apresentando-se nos com trajes carnavalescos, cantava mal e com mal alinhavada letra a par duma música desarmoniosa. Dava a impressão de estarmos em perfeito carnaval.

O producto revertia em proveito do próximo.

Lembramos a êstes a conveniência de officiarem ao *papa* português para que organize um novo repertório em que o entrudo seja realizado nos dias 5 e 6 de Janeiro.

Modos de Ver

Deixemos o Dr. António José de Almeida nadar no seco das suas desilusões!...

E' provável que os leitores já tenham visto, numa destas opulentas e risonhas feiras-minhotas, aparecer um bufão com ares de valente, de marmeleiro em punho, puxando a justiça para seu lado e, num momento, meia dúzia de feirantes caírem-lhe de frente com este incitamento: *«ora puxe lá...»!*

Se algum já alguma vez presenciou este espectáculo vulgar dos nossos costumes, está, pois, tam habilitado como eu a comparar a situação política do sr. Afonso Costa a um desses temidos caceteiros das nossas feiras, cercado pelo inimigo que lhe brada com todas as suas forças: *«ora puxe lá!».*

O sr. Afonso Costa acaba de constituir ministério. Podemos dizer afoitamente que o povo português está vingado! Foi Afonso Costa que na opposição, tanto na monarquia como dentro da República, prometera, quando chegasse a formar governo, guiar Portugal por um caminho novo; a vida seria mais barata com o bacalhau a três vintens, não haveriam lágrimas, como há pouco ainda li; décimas, contribuições, o diabo a quatro, desapareceriam, ou seriam abatidas para não mais o povo português se ver sobre-carregado com obrigações que o esfolavam.

Isto ainda hoje se lê.

O partido de Sua Ex.^a é vasto e variado como os tortulhos. As promessas foram tantas e tam variadas como os membros do seu partido. Cada membro é credor duma promessa do sr. Afonso Costa. Por todo o Portugal existe um carbonário, um anarquista, um incendiário, um demolidor, um ateu, um maçom e um aruaceiro. Logo existe por todo o Portugal um radical ou um afonsista com uma promessa na memória que lhe fez seu chefe em algum momento crítico.

O sr. Afonso Costa está no poder. Vão principiar de hoje em diante os pedidos de realização às suas promessas. Se os atende, então será verdade Portugal enveredar por um caminho novo, porque podemos dizer um adeus à Igreja, um adeus ao clero, um adeus aos costumes antepassados, aqueles costumes sublimes que nos conduziam de costa em costa, com uma cruz içada em cada lancha, com uma esperança que lucilava em cada peito onde cabia a fé. Só irá mal para os crentes, para os católicos, embora o teozouro se não ache muito bem na ocasião da refrega. Vamos lutar com as associações da Maçonaria e Registo civil e é quanto basta porque são guiados por um chefe de força.

Na hipótese de não dar satisfação às promessas cai pela base o principal do seu programa; não enveredará por um caminho novo e continuará a bandalheira a que temos tido a desonra de assistir, continuará o desmantelamento da Constituição Política da República, esfrangalhar-se há a lei como tem sido esbandalhada nos últimos dias, continuará a agraça, o tumulto, a prisão, a bomba, as representações não chegarão por via directa ao Parlamento e Portugal assistirá à repetição da mesma peça a que tem assistido e, por tanto, não será guiado por um caminho novo.

Porque, é bom que se saiba, a rua pertence ao sr. Afonso Costa. Afonso Costa sem rua seria qualquer Afonso no Mundo; o que nunca seria nem chegaria a ser o Sr. Afonso Costa, deputado da Nação, hoje presidente de ministros e ministro das finanças.

Portanto quem primeiro lhe vai aparecer de frente vai ser a rua; quem primeiro vai ter que

reprimir vai ser essa rua desordeira, essa cambada de carrejões sem lar, essa vadiagem infrene que tanto mal tem feito à República e à Pátria, arruinando-lhe o prestigio que gosava de nação civilizada, com seus actos deprimentes. Vai reprimir, se quiser manter seus créditos de presidente de ministros e a letra da Constituição, mas se reprime, então será como o valente do norte que se verá cercado pelos marmeleiros e ameaçado com um tremendo *«ora puxe lá!»!*

A meu ver a situação do Sr. Afonso Costa é a mais crítica a que um homem pode chegar. Disse a um repórter da «Capital» assentar o seu governo no princípio da liberdade, da lei e da justiça. Vamos ver o que ele faz da liberdade do cidadão quando andamos todos recebendo cartas anónimas com ameaças de morte. Vamos ver o que ele faz da lei de imprensa que tam enganada tem sido. Vamos ver o que ele diz entender por justiça quando tanto peito clama por justiça. Depois, só depois veremos a que altura se elevou o homem, o ministro, o Pombal segundo, ou em que lamçal chafurdou um cidadão português!

E.

Descance em paz

A Morte, êsse dizimador e implacável fantasma, acaba de atirar para a lage fria do sepulcro o nosso estimado colega Marcos dos Santos Guimarães, director do «Imparcial».

Com 38 anos apenas o desditoso moço foi roubado do seio da família, que o estremecia, e dos amigos, que o estimavam, por uma doença pertinaz precisamente no dia em que fazia dois meses que havia desaparecido também para sempre o ente que êle mais amava que era sua mãe.

A doença e a dor dilaceraram aquele coração até que não pôde resistir mais, e lá foi, deixando-nos a todos contristados.

Que Deus se amerceie da sua alma são os nossos votos e à família enlutada a expressão sentida do nosso pesar.

A propósito:

Há indivíduos que atacam outros pelas costas, assim como há outros que atacam pela imprensa cobrindo-se com o anonimato.

Dêstes cobardes conhecemos muitos, mas o que não conheciamos ainda era quem atacasse os mortos.

O *Trapo* de quinta feira, noticiando o falecimento de Marcos Guimarães insulta-o cobardemente e fá-lo porque êle é morto e não pode defender-se.

Vergonhoso procedimento! Para todos os homens que tem coração, até para os bandidos, a morte é sagrada e perante ela acabam as inimizades e os rancores.

Para o *Trapo* ainda depois dos umbrais da eternidade há a chacota e o escárnio e, o que é mais, a calúnia.

DOS JORNAIS

Do *Sindicalista*:

«Nem mais nem menos! 110 famílias sem pão, 110 homens privados da liberdade, graças ao «carinhoso» tratamento das justiças da república—a república que o povo fez em 5 de Outubro para pôr termo à tirania dos monárquicos, e que afinal, feitas as contas, nos está saindo mais perseguidora e

mais draconiana que a velha monarquia».

Que reaccionário está o «Sindicalista»!...

Qualquer dia recebemos a noticia de ter sido prêsso o seu director, por... conspirador! Não falha...

De *A Nação*:

«Os nossos jornais republicanos batem palmas pela saída de Maura da política e elogiam o Senhor D. Afonso por ter mantido o governo de Romanones, escrevendo ainda por cima que agora é que o trono está garantido em Espanha por mais algum tempo!»

Pudera não estarem contentes! Vêem D. Afonso seguir as pedradas do nosso D. Manuel II!

Mas parece-nos que não chegarão a criar calos com o bater das palmas...

De *A República*:

«Há para aí creaturas há longos meses encarceradas sem julgamento. E nós perguntámo-nos a nós mesmos: —que força tira a República dêste acto, desta bárbara e inconcebível tirania de ter dezenas de homens prêsso—sem julgamento?»

Tira uma força talvez capaz de atirar de vez, por terra, a República!... Não lhe palpita o mesmo, colega?

Do *Trapo*:

«Brevemente visitará a biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento o sr. dr. Júlio Dantas, presidente das bibliotecas erúditas».

Oh! *Trapo*, que raia!!!... Bibliotecas *erúditas*?! Quebra o aparato e despeja o tinteiro... Bibliotecas *erúditas*!!! Em nome do Padre, do Filho... Bibliotecas *erúditas*!!! Ah! boa palmatória!

Do *Diário de Notícias*:

«A folha oficial publicou ontem a nota do estado da dívida flutuante em 30 de Junho de 1910, nos meses de Junho de 1911 e Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro últimos.

Em 30 dêste mês essa dívida elevou-se a 90.580.445.994 réis, mais 1.558.851.729 réis que no mês anterior e mais 8.521.497.912 réis que em 30 de Junho de 1910.»

Quer isto dizer que, em menos de meio século, a república luminosa, briosa e tudo o mais que terminar em «osa» ultrapassará, se lho permitirem, o *déficit* que a velhota monarquia *ominosa* lhe legára! Não haja dúvidas, isto corre às mil maravilhas!...

Do correspondente de Braga para o *Jornal de Notícias*:

«O edificio do colégio do Espírito Santo vai em breve ser entregue à Congregação dos padres francêses daquelle ordem».

¿E quando serão entregues aos seus verdadeiros donos os colégios de Campolide, S. Fiel e S. Barnabé?!

Ah! como dá vontade de ser estrangeiro, e, designadamente, francês!

E' bem certo a pátria portuguesa ser madrastra, e não mãe,

de muitos que sob o seu Sol nasceram, cresceram, trabalharam e... a honraram. Ingrata pátria!

O sr. dr. António José de Almeida, no banquete do Coliseu:

«E sê-lo hão, (suficientes para nos levarem ao equilibrio financeiro certas medidas expostas pelo chefe evolucionista) se tivermos o cuidado de reduzir implacavelmente as despesas que não traduzam uma necessidade por assim dizer orgânica e fundamental, acabando com todos os parasitas e pondo termo a todos os esbanjamentos».

De maneira que há 2 anos e pico, de administração *honrada e escrupulosa*, que se deixam livremente vegetar, à sombra *benéfica e salutarissima* do manto vermelho e verde, «parasitas» da grei, e se tem consentido, impune e semte, esbanjamentos!!!

Belo! extremamente belo!

E nós a supormos que esbanjamentos e parasitas só se faziam e existiam no tempo da *ominosa*! Como nos enganámos!...

De *O Primeiro de Janeiro*:

«O novo ministerio—Depois de larga conferência com os senadores e deputados democraticos, ficou definitivamente constituído o ministerio pelo seguinte modo:

- Presidência e finanças — Afonso Costa.
- Interior — Rodrigo Rodrigues.
- Justiça — Alvaro de Castro.
- Estrangeiros — António Macieira.
- Guerra — Major Pereira Bastos.
- Colónias — Almeida Ribeiro.
- Marinha — Freitas Ribeiro.
- Fomento — António Maria da Silva.

Tem graça a distribuição das pastas: Finanças, Estrangeiros e Marinha!

Pelo visto, o sr. dr. Afonso Costa passa a gerir a pasta das finanças, o sr. dr. Macieira a dos estrangeiros e o sr. José de Freitas Ribeiro a da marinha. E eram figurões desta natureza que se revoltavam com iguais baldrocas no tempo da *ominosa* defunta!...

Estas nossas palavras de maneira alguma traduzem diploma de incompetência; simplesmente, artista com mais de um officio... Longe, porém, o agoiro!... Oxalá o sr. Afonso Costa e os seus colegas no ministerio façam uma administração que de todos os cantos mereça aplausos! São êstes os nossos votos, apesar de nenhuma relação mantermos com o illustre estadista.

COMUNICADO

SALVE

Faz amanhã 19 anos o meu querido amigo João Pinto de Figueiredo, pelo que lhe apresento os meus sinceros parabens.

António Mendes de Brito.

Quem perdeu?

Encontrou-se ha meses já, na Fotografia Machado, à Rua de S. Damaso, um objecto de ouro que será entregue a quem provar pertencer-lhe, pagando a despesa dêste anúncio.

Falar nesta redacção.

A casa que mais sortido tem e que mais barato vende Bicicletas acessórios, fazendas, miudezas, modas, perfumarias, bordados a pêsco, panos para enxovais, guarda-sóis, etc., é a LOJA DO BENJAMIM — Teural, 105.

Interesses no Brasil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brasil, advogado do Banco Aliança do Porto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interesses de portugueses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Porto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral, — rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fólha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encanações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.
GUIMARÃES

COMPANHIA DE SEGUROS A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000\$000

Telefone n.º 2460 — Enderêço telegráfico: LARPOPU

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães—PIMENTA & C.ª

Com estabelecimento de fazendas brancas, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

ATENÇÃO!

Só na Sapataria Académica à Rua Dr. Avelino Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o calçado mais bem acabado, e por preços que ninguém ousa competir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do quanto se afirma neste anúncio.

Colegio Académico

Rua de S. Domingos, 19
GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-externos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luís Gonzaga Pereira.

FOTOGRAFIA MODERNA

— Rua de S. Dámaso, 10 —

GUIMARÃES

Nesta acreditada fotografia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos fotográficos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, saís de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer fotografia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda. Admiráveis retratos reclame, a 400 réis a meia dúzia.

Belas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia dúzia.

Postais fotográficos, a 900 réis a dúzia.

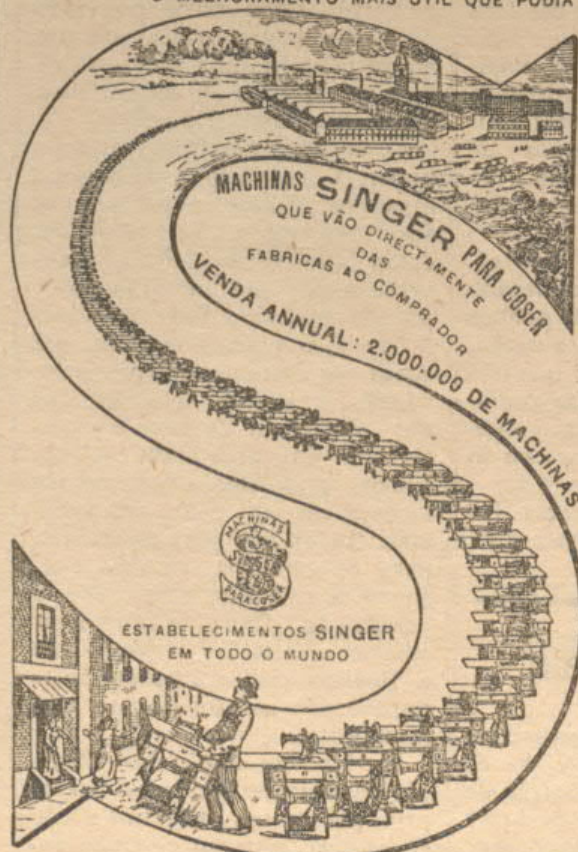
Ampliações inalteráveis de 50 centímetros, a 1\$500 réis.

Esta fotografia possui um excelente material, o que há de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a máxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem aumento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o único com quem ninguém pode competir em preços e perfeição.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURACÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis — GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha	f. Ano . . . 1\$200 rs.
	f. Semestre . . . 600 "
Pelo correio	f. Ano . . . 1\$300 "
	f. Semestre . . . 650 "
Trimestre 400 "
Estados U. do Brazil (ano) 1\$600 "
Países da União Postal 2\$000 "
Número avulso 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha 20 "
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um 100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesse

GUIMARÃES

O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 31

Ex.º Sr.